

Resenha

VILA-MATAS, Enrique. *Ar de Dylan*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

A SOCIEDADE NADA SECRETA DE ENRIQUE VILA-MATAS

Daniel Baz dos Santos

Doutorando em História da Literatura (UFRG)

dbazdossantos@yahoo.com

Vila-Matas é um obsessivo. Um monomaníaco. Nutre uma devoção doentia pelos duplos, pelas estruturas em abismo, pelas coincidências, pelas sociedades secretas e, é claro, pelo seu habitat mais natural – a ficção. Quem conhece sua obra, sabe que pode esperar um universo infinito de espelhamentos, de citações, o que o destaca no contexto contemporâneo da hipertextualidade. Afinal, foi ele quem idealizou o “mal de Montano”, que caracteriza alguém obcecado por livros, foi ele quem criou os *shandys*, aficionados por literatura portátil. Foi de sua imaginação que surgiram os “bartlebys” modernos, escritores que simplesmente preferem não fazer seu trabalho, hesitam na hora de escrever e poluem o mundo com a hipótese imaginária de suas obras jamais escritas. Contudo, mais do que unicamente se preocupar com a demonstração da multiplicidade dos caminhos em tempos atuais, o escritor espanhol parece obcecado com uma constatação muito mais perturbadora: todos eles já foram percorridos.

A máxima vinculada por John Barth a respeito da “*literature of exhaustion*”, ainda na década de 60, que defendia o esgotamento das formas artísticas em face de uma série de transformações nas artes parece integrante da poética de Vila-Matas. Tendo como fundo a obra de Jorge Luis Borges e o contexto das “*mixed-means arts*”, sua reflexão demonstrava como o “fazer arte” é substituído por um refratado pensar a arte, postura vista como caminho válido para se contrapor à normatividade da tradição antecedente

(incluindo a moderna). O autor espanhol dialoga com este projeto durante toda sua obra, oferecendo uma das faces mais instigantes da chamada “pós-modernidade” e, principalmente, revitalizando a maneira como este novo paradigma se relaciona com seu passado.

Talvez por isso, este seu mais recente romance seja um pouco destoante de sua carreira pregressa. Em *Ar de Dylan*, Vila-Matas explora, mesclando inteligência e pedantismo (talvez consciente, logo intencional), novos prismas de seus velhos problemas. O romance começa quando o narrador, em primeira pessoa, recebe um convite para participar de uma conferência cujo tema é o fracasso. Sim, mais uma vez a narrativa mimetiza o insucesso, traço comum em outras obras do escritor. Na tal conferência, o narrador conhece Vilnius Lancastre, filho do escritor Juan Lancastre, jovem com uma intrigante aparência similar a de Bob Dylan. Vilnius, também obcecado pelo fracasso, herda a memória do pai, após bater a cabeça com força e este passa a assombrá-lo da mesma maneira que Laertes fez com Hamlet. O restante do livro irá se desenrolar a partir da relação entre o narrador, Vilnius, Débora, amante do falecido pai de Vilnius, e sua mãe malévola, Laura Verás.

A narração em primeira pessoa do narrador vem encaixada com outros trechos que dominam a narrativa e são narrados também de forma autodiegética, mas por Vilnius. Uma escolha que separa o texto em camadas, combinando um repertório repleto de níveis ficcionais. Neste aspecto, o intertexto continua parte fundamental do sentido das obras de Vila-Matas. As citações explícitas e implícitas servem para sinalizar para fora das fronteiras da fábula, induzindo o leitor em discrepantes zonas textuais que aliam Shakespeare, Kafka, o cinema dos irmãos Cohen, Knut Hamsun, e, claro, Bob Dylan.

O aspecto intertextual da composição dos textos de Vila-Matas, ao lado do encaixe narrativo, é uma das tantas formas utilizadas por ele para desconvenacionalizar os limites da ficção, visto que enfatiza a artificialidade dos contornos dos muitos textos que se interpenetram, pondo em relevo sua característica montável e mutável. Principalmente, devido ao fato de que, tanto a vida das personagens, quanto a ficção são submetidas à mesma entonação narrativa. O drama de Vilnius, por exemplo, no seu conflito com o pai, é a microtrama que introduz o problema da filiação, esboçada também nas relações intertextuais. Da mesma forma, Bob Dylan, mais do que ser o homem de múltiplas faces, símbolo dos tempos atuais, é um exemplo de alguém que aprendeu a romper com suas influências, no famoso episódio de sua desfiliação com o *folk*.

Sendo assim, sua vida permite que se qualifique uma ficção de múltiplas personalidades (*Ar de Dylan* mistura mistério, melodrama, ensaio, aventura), além de esboçar o conflito da “angústia da influência”, como tratada por Harold Bloom. Este sendo um dos tópicos mais recorrentes na obra do escritor espanhol. A história da literatura, para Vila-Matas, é um combate entre filhos desgarrados tentando livrar-se das influências dos pais, que lhes assombram com sua memória e experiência. As relações, também por isso, não respeitam a cronologia da história literária. Como no sistema descrito por T. S. Elliot em “Tradição e talento individual”, a literatura é um grande complexo sincrônico em que Bob Dylan pode influenciar Kafka (VILA-MATAS, 2012, p. 303), por exemplo.

Além das referências à história literária, Vila-Matas notabilizou-se por mesclar literatura e ensaística em seus textos, o que pode ser visto principalmente em *Bartleby e Companhia* e em *História Abreviada da Literatura Portátil*. Em *Ar de Dylan*, isto

também está presente, ainda que de forma mais atenuada. Entretanto, digna de certo relevo é a presença de espaços acadêmicos na trama e sua potencialidade de tornar-se palco de histórias que mereçam ser narradas. Ao desenrolar sua história em conferências, palestras e outros espaços habitados pelos críticos literários, Vila-Matas consegue garantir a verossimilhança do tom ensaístico de certas passagens.

Por fim, é preciso mencionar a criação de sociedades secretas por parte dos personagens do romance, outra obsessão de Vila-Matas, que também retorna com força aqui. Neste caso, os protagonistas fundam a Conjura dos Infraveles, grupo que tem o objetivo de produzir uma ideia por dia, mas esquecê-la logo após tê-la comunicado. A ideia de grupos com certas afinidades que se deslocam da totalidade social para oferecer uma imagem dela, vem complementar a imagem do texto parasitário que vive de si. O mundo é um conjunto de complexos textuais e humanos que se interpenetram e que convivem com a impossibilidade de apreender tanto a literatura quanto a própria realidade de forma total. Num cenário desta natureza, o autor confia nos pequenos núcleos, fragmentos da sociedade, que unidos por crenças que lhes unificam, formam pequenas totalidades. Estes grupos dedicam suas vidas aos textos e, por isso, perdem de vista a diferença entre a realidade cotidiana e a ficcional. Esta parece ser uma imagem símbolo desta sociedade nada secreta que Vila-Matas inventou, composta por aqueles que não podem optar entre vida e literatura, pois não saberiam dizer onde termina uma e começa a outra.